

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM FAVELAS PAULISTAS: CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ, E QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Estela Pereira dos Santos (Universidade Estadual de Maringá -PLE-UEM)

Resumo: Este artigo compara *Capão Pecado*, de Ferréz, e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, com foco na representação da violência em favelas paulistas. Para discutir as obras, partimos dos conceitos de violência objetiva, subjetiva e simbólica, postulados por Slavoj Žižek (2012; 2014). No entanto, antes de partirmos para o estudo proposto, trazemos apontamentos sobre violência na literatura brasileira, feitos por Ginzburg (2012), Schollhammer (2008; 2011) e Resende (2007).

Palavras-chave: *Capão Pecado*; *Quarto de despejo*; Violência.

Abstract: This paper compares *Capão Pecado*, by Ferréz, and *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, focusing on the representation of violence in favelas of São Paulo. To discuss the literary works, we start from the concepts of objective, subjective and symbolic violence, postulated by Slavoj Žižek (2012; 2014). However, before we begin the proposed study, we bring appointments about violence in Brazilian literature, made by Ginzburg (2012), Schollhammer (2008; 2011) and Resende (2007).

Keywords: *Capão Pecado*; *Quarto de despejo*; Violence.

A violência na literatura brasileira

Ainda são poucos os pesquisadores que se dedicam ao estudo da representação ou da presença da violência na literatura brasileira. Ao estudarmos nossa literatura pela perspectiva da violência, estamos, de certo modo, assumindo que somos um país construído historicamente a partir de episódios violentos. No entanto, pesquisas relacionadas à violência, tanto com foco em questões temáticas quanto estruturais e formais, vem surgido, ainda que timidamente, nos Estudos Literários.

Em *Crítica em tempos de violência* (2012), Jaime Ginzburg apresenta o estudo de algumas obras brasileiras, de 1930 até 2000, com o objetivo de contribuir para uma “[...] história da literatura brasileira sob a perspectiva da violência” (GINZBURG, 2012, p. 13). Para o estudioso, o Brasil e sua história foram

construídos por meio de processos violentos desde a sua colonização, como o massacre de índios e a escravidão, chegando ao contexto de ditadura militar, no qual houve muita repressão, mortes e desaparecidos políticos. E que, além disso, nos tempos atuais, o país é configurado pela violência, seja em conflitos policiais em protestos nas ruas ou em favelas, além de casos de violência contra a mulher, idosos e crianças. Nesse sentido, o trabalho teórico de Ginzburg é notável porque “[...] parte da premissa de que a sociedade brasileira foi construída com processos que incluíram episódios de genocídios, massacres, chacinas e políticas repressoras” (GINZBURG, 2012, p. 13). O pesquisador defende, ainda, que “Narrar a história da literatura brasileira a partir da violência pressupõe romper com a tradição nacionalista idealista, com a submissão ao colonialismo, a historiografia evolutiva e a noção de progresso” (GINZBURG, 2012, p. 13).

Karl Erik Schollhammer, ao falar sobre a violência na literatura brasileira, em seu estudo “Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo”, publicado no livro *Ver e Imaginar o Outro: Alteridade, Desigualdade, Violência na Literatura* (2008), aponta que o medo da violência e sua presença nos discursos sobre a realidade brasileira começaram já na década de 1950, mas ganhou maior visibilidade somente a partir dos anos 70. Para ele, na literatura nacional dos anos 60 e 70, a presença da violência está associada à condição política do Brasil em função do regime militar de 64, que deu vida a um longo período marcado pelo autoritarismo e pela opressão. Ainda segundo Schollhammer, nos anos 80 e 90, por sua vez, a violência é mostrada na literatura por meio de um aumento quantitativo do crime nas cidades brasileiras, fazendo com que as pessoas vivam com medo, inseguras e cercadas de grades. Os anos 80 – quando há a volta da democracia direta – são marcados pelo tráfico de drogas e toda a violência que ele carrega em si, como assassinatos e sequestros. Já nos anos 90, há uma grande escala de chacinas e o envolvimento de policiais no crime, fazendo o uso de seu poder; uma década marcada por intervenções

militares na guerra contra o tráfico e contra a máfia do jogo do bicho.

A violência, nos anos 2000, passa a ser exposta ao público e deixa de ser um tabu. Desse modo, o mito do país cordial é deixado um tanto de lado, parecendo pertencer apenas ao passado nacional. Jornais, programas de televisão e, sobretudo, a literatura passaram a explicitar mais sobre a degradação social do país e seus problemas constitutivos, como a exclusão e a marginalização de gerações que foram privadas da educação, do trabalho, do lar e demais direitos humanos.

Defende Schollhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2011), que essa literatura produzida e publicada a partir dos anos 2000, que ele denomina como literatura contemporânea, não é “[...] necessariamente aquela que representa a atualidade” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 10). Para ele, o escritor contemporâneo e sua literatura parecem estar relacionados a uma “[...] grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 10). A escrita contemporânea, para o estudioso, “[...] se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de alcançar uma determinada realidade” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 11). Assevera, ainda, que a literatura contemporânea tem como traço a demanda da presença que se evidencia na perspectiva de uma reinvencção do realismo. Segundo Schollhammer, alguns escritores contemporâneos estão “[...] à procura de um impacto numa determinada realidade social, ou na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 15). Enquanto que para outros autores, também contemporâneos, “[...] evocar e lidar com a presença torna-se sinônimo de consciência subjetiva e de uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, estofado material da vida ordinária em seus detalhes mínimos” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 15).

Beatriz Resende, em seu ensaio “Questões da ficção brasileira do século XXI” (2007), publicado originalmente na Revista Grumo, ressalta que a literatura brasileira contemporânea tem como traço a presentificação, também mencionado por Schollhammer (2011). Nesse sentido, declara que, na produção atual, é visível um imediatismo de seu processo criativo e uma ansiedade de articular e de intervir em uma realidade presente conturbada, o que não se deve ser confundido com o traço modernista que buscava um presente calcado na inovação e na novidade.

Neste artigo, as obras literárias selecionadas para serem estudadas a partir da perspectiva da violência são *Capão Pecado* (2005), livro de Ferréz publicado pela primeira vez em 2000, e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, livro de Carolina Maria de Jesus publicado originalmente em 1960. A distância temporal de publicação das obras não é pequena, mas, embora ambas tenham sido publicadas em períodos históricos diferentes, elas tratam de um assunto de forma muito semelhante: a violência nas favelas de São Paulo.

O romance de Ferréz tem como espaço Capão Redondo, enquanto o diário de Carolina Maria de Jesus se passa em Canindé, antiga favela paulista, não mais existente. Ao lermos essas narrativas sobre o cotidiano nas favelas, entramos em contato com um cotidiano violento, repleto de exclusão, exploração e marginalização, com pessoas privadas de direitos básicos aos quais todos deveriam ter acesso. No entanto, antes de partimos para observações acerca da representação violência nessas obras brasileiras, falemos sobre o que tomaremos como conceito de violência.

A violência, segundo Slavoj Žižek

Os poucos estudos existentes acerca da violência na literatura brasileira contemporânea, em seus gêneros diversos, pouco se preocupam em apontar o que chamam de violência. Talvez isso se dê porque também são poucos os

teóricos que buscam conceituar o que pode ser a violência ou um ato violento. Por sua vez, Slavoj Žižek, filósofo e psicanalista esloveno, preocupou-se em pensar em uma tipologia da violência, se assim podemos chamá-la.

Em sua obra *Violência: seis reflexões laterais* (2014), o filósofo busca abordar a violência em suas formas física e direta, e nos mostrar que, para além de uma violência marcada pela brutalidade humana, há uma violência ainda maior, ainda mais perturbadora, que transpassa todas as relações sociais. Entretanto, vale mencionar que antes da publicação dessa obra, Žižek já havia feito apontamentos sobre essa temática em *Vivendo o fim dos tempos* (2012), quando chama atenção de seus leitores para os motivos do emprego da violência bem como funcionamento do controle por meio dela. Para ele, quando um governo, pessoa ou grupo precisa fazer uso da violência recorrentemente é porque percebe que seu poder está fraco. A violência, neste caso, é uma ferramenta de dominação de alguém ou de uma população.

Somente em *Violência*, livro publicado no Brasil em 2014, é que o pensador busca discutir o fenômeno da violência em específico, alegando que há três tipos de violência que devem ser amplamente discutidas e enxergadas na sociedade em que vivemos: a violência subjetiva, a objetiva e a simbólica. A primeira, que é subjetiva, corresponde à violência física e direta. Ela “[...] é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 17) e percebida por meio de abalos no estado normal e pacífico das coisas, sendo mais visível aos nossos olhos. Manifesta-se em guerras, holocaustos, chacinas, em um roubo, em uma briga e na violência contra a mulher.

Diferentemente da violência subjetiva, a violência objetiva, também denominada como “sistêmica”, é pouco enxergada por todos nós. Ela “[...] consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 17). Esse tipo de violência é “[...] aquela inerente a esse estado “normal” de coisas. A violência objetiva é uma

violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento” (ŽIŽEK, 2014, p. 18).

Conforme mencionado acima, a violência objetiva é denominada ainda como “violência sistêmica”, e esta dominação é dada porque essa manifestação de violência corresponde à “[...] violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 24). Transpassa todas as relações humanas, uma vez que é exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos e até multidões de fanáticos.

Žižek assevera que essa noção de violência objetiva de cunho sistêmico assumiu, historicamente, a sua forma a partir do capitalismo, de seu desenvolvimento e, conseqüentemente, de suas catástrofes. Acerca disso, ainda, o filósofo esloveno destaca: “[...] muito mais estranhamente inquietante do que qualquer forma pré-capitalista direta da violência social e ideológica: essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más” intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima” (ŽIŽEK, 2014, p. 26).

Por fim, na mesma esteira de uma violência não explícita, há a violência simbólica. Ela está encarnada na linguagem e em suas formas, e não está presente somente nos casos evidentes e estudados, isto é, em situações de provocação e de relações de dominação social, que nossos discursos produzem: “há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

A respeito dessa violência que se dá por meio da linguagem, Žižek aponta que, certas vezes: “[...] em vez de exercermos uma violência direta uns nos outros, procuramos debater, trocar palavras, e esta troca de palavras, mesmo quando agressiva, pressupõe um mínimo de reconhecimento da outra parte” (ŽIŽEK, 2014,

p. 59). No entanto, a linguagem é “[...] o primeiro e maior fator de divisão entre nós, é devido à linguagem que nós e os nossos próximos podemos viver “em mundos diferentes” mesmo quando moramos na mesma rua” (ŽIŽEK, 2014, p. 63). De acordo com o filósofo, isso significa “[...] que a violência verbal não é uma distorção secundária, mas o último recurso de toda a violência especificamente humana” (ŽIŽEK, 2014, p. 63).

Desse modo, a violência simbólica não é tão evidente, uma vez que não se trata de uma violência física e direta, ou seja, marcada por ações brutais e extermínio em massa. Esse modo de violência pode ser exercido pelo discurso de agentes sociais, indivíduos comuns, multidões fanáticas, governantes, entre outros. Além disso, pode ser visível também em obras artísticas (como literatura, cinema e teatro) seja em discursos de incitação ao ódio, racismo e discriminação proferidos por personagens, ou até mesmo na própria estrutura do objeto artístico.

Capão Pecado e Quarto de despejo: favela e violência

O romance *Capão pecado* (2005), de Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva), tem um texto híbrido, composto por relatos no próprio narrador heterodiegético – termo proposto por Gérard Genette (1995) –, mas também por relatos como o de Ratão (na página 42), Garret (na página 135) e uma carta, de Negredo (na página 110). A narrativa é reflexo do cotidiano de Capão Redondo e das histórias das pessoas que habitam a favela.

O protagonista da obra é Rael, um jovem que vivencia um cotidiano difícil no Capão, mas que busca ocupar seu tempo lendo livros comprados em sebos e trabalhando. Ele estudou em escola pública e sofre com a ausência de coisas básicas, mas necessárias, em sua casa. Rael comete um grande erro em sua vida ao se apaixonar pela namorada de seu amigo, Matcherros. A traição é considerada um atestado de óbito em Capão. Enquanto é narrado sobre o surgimento desse

relacionamento amoroso/traição, bem como suas trágicas consequências, histórias de outros personagens são apresentadas.

Os demais personagens são lavadores de carro, seguranças, gente que trabalha em padarias e babás e faxineiras que trabalham na casa de ricos. Pessoas que não têm segurança, que não têm quem cuide de seus filhos e que muitas vezes mal conseguem colocar alimento na mesa. Pessoas que convivem com a miséria, fome, violência do tráfico de drogas, confrontos policiais e morte. Há também muitos viciados em maconha, cocaína, crack. Há alcoólatras, sem esperança e sem emprego. Há religiosos fanáticos. Todos lutando diariamente para sobreviver, no entanto, muitas vidas são interrompidas inesperadamente por tiros. Os motivos das mortes são muitos: acerto de contas, vingança ou até silenciamento.

A violência subjetiva é gritante e brutal ao longo de todo o romance, e é narrada com naturalidade, uma vez que isso faz parte da normalidade na favela. Além disso, muitas frases dos personagens possuem marcas de oralidade, o que corrobora para a verossimilhança do romance.

Um exemplo de violência subjetiva é quando o narrador nos conta que, no Capão, “Todo baile que surgia não passava de duas semanas acabava, ou era por causa de morte ou por causa dos policiais” (FERRÉZ, 2005, p. 23). E depois menciona um baile no qual a própria polícia usou de violência para impor que o evento tivesse fim, sem se importar com as consequências: “[...] uma viatura da Rota veia em toda velocidade e partiu pro meio do povão, sem mais nem menos. Mais de dez pessoas foram atropeladas e muitas foram pisoteadas na correria” (FERRÉZ, 2005, p. 23). E prossegue narrando mais absurdos: “[...] os tenentes acabaram sendo coniventes, e até hoje não deu em nada, só resultou no fim do baile” (FERRÉZ, 2005, p. 23).

Os exemplos expostos acima são manifestações de violência subjetiva, uma vez que temos a polícia, fazendo uso de seu poder enquanto tal, para impor

a ordem que julga correta, sem se importar com os danos físicos causados aos seres humanos pelos quais deveria zelar. A respeito desse comportamento violento da polícia, é interessante atentarmos para o que assevera Vladimir Safatle, acerca da Polícia Militar no Brasil. Em seu artigo “Polícia e Bandido”, publicado na Folha de S. Paulo, sobre as manifestações de 2013 nas ruas do país, Safatle pontua: “Já no ano passado, ficamos sabendo, graças a estudos do Ipea, que 62% da população não confiava na PM, enquanto 63,5% afirmava que tais policiais tratavam pessoas com preconceito” (SAFATLE, 2013, *on-line*). No vídeo “Violência - Safatle, Ginzburg e Luiz Eduardo Soares” (2014), fruto de um debate, promovido pela editora Boitempo, sobre a violência no Brasil, e que também discute o livro *Violência: seis reflexões laterais* (2014), Safatle assevera que a população brasileira não tem confiança na Polícia Militar e nem se sente segura com ela. E o que acontece para que boa parte da população de um país não tenha confiança na sua polícia? Segundo o filósofo, no caso específico do Brasil, isso se dá pelo fato de que temos uma polícia problemática, caracterizada por um comportamento inadequado, isto é, suas atitudes pouco se diferenciam da forma como agem bandidos. Trata-se de um comportamento violento e “[...] absolutamente criminoso, que diz respeito não só à sua abordagem, mas à sua maneira de funcionamento” (SAFATLE, 2014, *on-line*, transcrição minha).

Em mais um ato de violência subjetiva, há Dida e Will, amigos de Rael, que após se envolverem em uma confusão em Paraisópolis, mudaram-se com a família para Capão, assim evitaram mais confusões. Entretanto, não foi assim que a história teve fim. Ao voltar do trabalho, Rael percebeu uma movimentação na rua: “Correu, pois sabia que que o povo dali só se unia assim pra falar mal dos outros, ou então pra ver morto” (FERRÉZ, 2005, p. 36). Tenta não pensar o pior, mas vê “Dida caído em frente à sua casa: estava de costas, sem o par de tênis e com uma enorme mancha de sangue nas costas” (FERRÉZ, 2005, p. 36). Tanto a família de Dida quanto Rael já sabiam que o próximo a ser morte seria Will. Logo

em seguida, Raulio, pai de Dida e Will, é preso. Poucos dias depois, Will também é assassinado com tiro. A mãe, Maria Bolonhesa, foi encontrada por Raulio, quando ele foi solto, “[...] pendurada por um fio de cobre, amarrado ao teto, e sua barriga estava cheia de furos” (FERRÉZ, 2005, p 38).

O responsável por boa parte das mortes no Capão Redondo era Burgos. Personagem que mata o próprio irmão, por saber que ele tem HIV e julgar que ele não merece mais viver, sofrendo com a doença e a miséria: “Burgos, sem nenhum remorso, “[...] puxou a pistola italiana Beretta calibre 22 LR da cintura e mandou ele [o irmão] dar o último trago de sua vida. Ele fumou, jogou a ponta no chão e caiu na quadra com um único tiro no meio da testa” (FERRÉZ, 2005, p. 83). Depois disso, sai da quadra onde estava e mata outras pessoas que tinham alguma uma dívida com ele por causa de drogas.

Além da violência subjetiva ter como agentes os policiais e alguns moradores da favela por conta do tráfico, há, ainda, outros agentes, como serventes de pedreiros, em episódios marcados por abuso sexual e estupro. Após uma festa, os trabalhadores voltam para um alojamento onde ficam. Carimbê leva uma mulher. Ela adormece logo que cai na cama, enquanto ele vai ao banheiro, o chão estava liso e ele bêbado, acaba caindo, bate a cabeça e adormece. Em seguida, o colega de trabalho, Elias Mineiro, vai até o alojamento de Carimbê, vê a mulher, percebe que ela está bêbada e dormindo e a estupra:

Ele aproxima da dona, retira sua blusa, seu sutiã, chupa seus peitos rapidamente, pois sente um forte cheiro de suor, retira sua calça e ri quando vê que a dona está de calcinha vermelha, ele tira seu pênis, põe a calcinha vermelha de lado e introduz, faz movimentos constantes durante meia hora, a dona nem se mexe, quando nota que está na hora de gozar, Elis Mineiro retira seu pênis e coloca perto dos lábios da bela adormecida e goza no rosto da dona (FERRÉZ, 2005, p. 99).

O trecho acima demonstra que a violência subjetiva, muitas vezes, anda de mãos dadas com o machismo e atitudes patriarcalistas, uma vez que o homem se

coloca como um ser que vê o corpo de uma mulher como mero objeto, que deve servi-lo a qualquer custo. Não há nenhuma sinalização de que a mulher corresponde ao desejo de ato sexual, pelo contrário, a mulher não tem a mínima consciência do que está acontecendo, desse modo, ela é violada, é violentada.

Também é narrado sobre uma chacina que acontece na favela de *Capão Pecado*. E modo como é finalizada a narração mostra que nem sempre é possível tirar todas as balas dos corpos, uma vez que há outros em mesmas condições e que chacinas são comuns no Capão, sendo essa só mais uma.

Pássaro, Ceará, Naná e Dinas tinham dado entrada no Instituto Médico-Legal às seis horas da tarde, deram muito trabalho para os médicos. Resolveram não tirar todas as balas, já haviam tirado mais de cinquenta e precisavam dar baixa em mais três que tinham vindo do Capão também. Foi uma das maiores chacinas da região, saiu nos jornais de manhã e entrou na estatística à noite (FERRÉZ, 2005, p. 137).

A violência objetiva, aquela advinda de questões sociais nas quais imperam a exclusão, a marginalização e até a exploração, também está presente em *Capão Redondo*. Ela é mais visível no romance quando Rael se indigna com certas situações e o narrador expõe algumas críticas desse personagem. Logo no início do livro, é assinalada a condição de Rael: é um menino pobre, que não tem acesso ao básico, como roupas e materiais escolares, e por isso começa a trabalhar ainda muito jovem: “A necessidade de roupas e um material escolar melhora para a escola o fez começar a trabalhar numa padaria” (FERRÉZ, 2005, p. 18). Mesmo assim, em sua casa havia apenas um cobertor para ele, sua mãe e pai, este um alcoólatra que gastava o pouco dinheiro da família. A comida também era pouca.

A mãe de Rael é uma diarista, era doente e trabalha duro na casa dos outros e, quando chega em casa, ainda tinha que cuidar de sua casa, mesmo cansada. Enquanto isso, o marido costuma estar bêbado, caído pelos cantos. Rael observa a figura de sua doce mãe, enquanto ela esquenta o resto de ontem, e, ao

mesmo tempo, reflete sobre a situação dela. Ela não passava de uma trabalhadora explorada por seus patrões, que sugam sua vida e pagam um salário que mal consegue pagar as contas do mês.

Rael começou a comer e, pensativo, chegou à conclusão de que, no serviço de sua mãe, ela não deveria passar de uma dona Maria qualquer; aquela que cozinha bem, que trata dos filhos dos outros bem, mas que dificilmente teria seu nome lembrado pela família que tanto explora seus serviços. E num futuro certo e premeditado, aqueles garotinhos que ela ajudava a criar e a alimentar seriam grandes empresários como o pai, e com certeza os netos daquela simples dona Maria seriam seus empregados mal assalariados e condenados a uma vida medíocre (FERRÉZ, 2005, p. 74).

Infelizmente, o romance mostra que Maria não é caso isolado. A realidade é a mesma para todos os outros moradores do Capão. Na mesma direção, ressaltando marginalização e a exclusão dos moradores da favela, segue o relato de Garret em meio ao romance:

Uma vez ouvi que as crianças são o futuro, concordo, mas não as daqui, jogadas na rua, criadas pela rotina, o pobre fica na rua sem perspectiva, enquanto o futuro está nas universidades, aprendendo a ser o “produto” certo para o “mercado” certo, se a gente fracassar sobra a vala, e o boy fracassar vai administrar o patrimônio da família, sempre sobra uma vaga pra ele em alguma empresa (FERRÉZ, 2005, p. 134).

Esse retrato da violência objetiva posta no romance é um exemplo do descaso com que os pobres deste país são tratados pelos governantes. São esquecidos, excluídos, vivendo em condições precárias sem acesso a direitos básicos, como alimento, água, moradia, educação, saúde e segurança. De acordo com Rommel (2015), inclusive a epígrafe de abertura do romance deixa transparecer uma espécie de afrontamento perante a lógica capitalista, que exclui e oprime aos pobres e que, igualmente, tomou conta do meio cultural e literário, anunciando, ainda, o teor de contestação social da narrativa: ““Querido sistema”, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa” (FERRÉZ, 2005, p.

10).

O relato de Garret segue com um comentário que nos permite, a partir daqui, fazer uma comparação entre *Capão Pecado* e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Vejamos: “São Paulo, a terra da desigualdade, onde um carro de R\$300.000 disputa o espaço com o catador de papelão, onde o almoço mais caro é visto pelo menino que não come há três dias” (FERRÉZ, 2005, p. 134).

Quarto de despejo é um diário, e não um romance. Tem uma mulher como autora, e não um homem. Tem uma narradora autodiegética e não heterodiegética. No entanto, do mesmo modo que o livro de Ferréz, o diário de Carolina também se passa em uma favela paulista, na qual a violência e a escassez de direitos básicos são elementos presentes diariamente. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher que disputava esse espaço de um carro de luxo com seu carrinho de coletar papelão e outras sucatas.

Carolina Maria de Jesus foi moradora da antiga favela do Canindé, em São Paulo, e relatava em seus cadernos encardidos como era o cotidiano miserável de uma mulher negra, pobre, mãe, escritora e favelada. Foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, enquanto este estava na favela a trabalho para fazer uma matéria sobre o local que vinha se expandindo próxima à beira do Rio Tietê.

A escritora era autodidata: aprendeu a ler e escrever com os cadernos, revistas e jornais que encontrava pelas ruas. Conforme conta: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar” (JESUS, 2007, p.16). Sua mãe sonhava em vê-la professora, mas o destino e a vida de miséria não permitiram.

Carolina coletava papelão e sucatas nas ruas, esta era a forma como sustentava seus três filhos João José, José Carlos e Vera Eunice. Entretanto, o dinheiro das coletas nunca foi suficiente, elas e os filhos passavam fome frequentemente e, por vezes, adoeciam. A fome permeia todo o diário e Carolina o tempo todo se mostra nervosa pelo medo da fome, o medo de doenças, o medo de fraquejar enquanto precisa criar os filhos. Também no diário Carolina conta

dinheiro todos os dias e quando conseguia comprar arroz, feijão e carne a felicidade estampava o rosto dos filhos e acalmava seu coração. Conta Carolina que ela também pegava alimentos descartados em feiras, fábricas e mercados. Em casos mais extremos, ia até um frigorífico buscar ossos para fazer sopa para seus filhos não dormirem de barriga vazia.

Muitas vezes Carolina passava mal por falta de comer. Declarou em seu diário que a tontura da fome é pior do que a do álcool: “A tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (JESUS, 2007, p. 45). E também conta com empolgação sobre os efeitos da comida em seu estômago, depois de muito tempo sem comer:

Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

... A comida no estômago é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei a sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (JESUS, 2007, p.45-46).

A ausência de alimentos e a insegurança na favela são duas coisas que perturbam Carolina Maria de Jesus. Precisava ir à rua conseguir dinheiro para criar seus filhos, mas ao mesmo tempo temia deixá-los sozinhos em Canindé. Enquanto isso, o país só crescia. Os relatos da autora são dos anos 50, quando o país vivia o governo Juscelino Kubitschek (1955-1960), época do progresso, da expansão do país, período do “50 anos em 5”. O período foi, de fato, de grande crescimento, mas também de grande marginalização, o que denota claramente a violência objetiva.

Enquanto grandes obras arquitetônicas, pontes, avenidas e empresas cresciam, mais pessoas pobres surgiram e por não terem condições de viver bem em uma grande cidade como São Paulo, cresciam as favelas. Carolina, que sempre lia revistas encontradas nas ruas, tinha grande sensibilidade ética em relação às questões sociais. Em seu diário, falou da condição de vida das pessoas pobres, falava da miséria, da fome, da falta de educação e instrução, da divisão de classes, exclusão social e ideologia da época.

A escritora comparou a cidade e seu grande crescimento como uma espécie de sala de visitas, enquanto que a favela, por sua vez, era o quarto de despejo:

... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora do uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2007, p. 38)

O que Carolina nos aponta com sabedoria e simplicidade é o próprio retrato da violência objetiva propriamente dita: se de um lado o país crescia, sobretudo a cidade de São Paulo, por outro, mais pessoas iam para os quartos de despejo, repletos de miséria e violência. E se não bastasse isso, muitas vezes o governo, visando apenas o progresso e o lucro, tomava conta das terras onde havia favelas, gerando despejos e ainda mais exclusão social e fome.

A violência subjetiva, aquela mais visível, física e brutal, também está presente no diário de Carolina. Essa violência, segundo ela, é consequência muitas vezes do alcoolismo. Carolina menciona não beber porque, além de ser um gasto desnecessário, o vício no álcool pode gerar violência. Homens bêbados agrediam fisicamente suas mulheres que, às vezes, saíam correndo nuas de seus barracos. O que deveria ser um enxergado como absurdo, de acordo com a autora, é um espetáculo para os moradores da favela. Todos assistem as cenas violentas atentamente e aplaudem. Pais e mães que bebiam na favela, acabavam

por causar mal aos seus filhos, seja direta ou indiretamente.

Assustei quando ouvi meus filhos gritar. Conheci a voz de Vera. Vim ver o que havia. Era Joãozinho, filho da Deolinda, que estava com um chicote na mão e atirando pedra nas crianças. Corri e arrebatei-lhe o chicote das mãos. Senti o cheiro de álcool. Pensei: ele está bêbado porque ele nunca fez isto. Um menino de nove anos. O padrasto bebe, a mãe bebe e a avó bebe. E ele é quem vai comprar pinga. E vem bebendo pelo caminho (JESUS, 2007, p.109).

O menino de 9 anos ingere bebidas alcólicas e pratica atos de violência contra pessoas próximas, conforme está disposto no trecho acima. Esse tipo de comportamento é um ato recorrente, está incorporado ao seu cotidiano. Carolina, sempre revoltada com situações de violência subjetiva, chamava a polícia e por essa razão sempre foi vista como intrometida.

A violência simbólica, aquela que se dá por meio do discurso, da linguagem, não é menos visível nos textos estudados. Os personagens de *Capão Pecado* proferem claramente ofensas verbais contra os outros na busca de ofender e diminuir o outro e, desse modo, tentar colocar-se como diferente do outro ou até superior. Além disso, o texto híbrido do romance de Ferréz, ao trazer relatos de outras pessoas e cartas que expõem a realidade da favela, parecem ser o único modo de expor discursivamente a violência no cotidiano de *Capão Pecado*.

Em *Quarto de despejo*, a violência verbal também se mostra presente nas ofensas e palavrões preferidos pelos vizinhos de Carolina em Canindé ou por desconhecidos nas ruas, claros exemplos de violência verbal exercida no intuito de agredir o outro. Para além disso, há uma violência discursiva na força do discurso de Carolina, é um discurso de raiva e de revolta, que busca denunciar a realidade do quarto de despejo no qual vive. Sua narrativa repleta de exclamações e reticências, apontam sua indignação e sua raiva contra os governantes dos “50 anos em 5” que esqueceram dos que são pobres e apontam a sua raiva contra a fome.

Considerações finais

Ferréz e Carolina Maria de Jesus são escritores que realmente conhecem a realidade das favelas paulistas. Ferréz até hoje mora em Capão Pecado, onde cresceu e tem sua família. Carolina morou por anos em Canindé, até ficar famosa com seus escritos e conseguir sua casa. Ambos escritores fizeram relatos duros e bastante reais de suas favelas de São Paulo, nas quais a imperam a violência subjetiva e a violência objetiva.

A violência subjetiva, tanto em *Capão Pecado* quanto em *Quarto de despejo*, é uma espécie de espetáculo ao ar livre, assistido por todos. As pessoas se juntam para contemplar atos de violência, como brigas e até a morte. A violência objetiva existe desde os anos 50, como vemos no diário de Carolina Maria de Jesus, até os dias atuais, como podemos observar no romance de Ferréz, publicado nos anos 2000. Pouca coisa mudou, com exceção do aumento do tráfico de drogas e a violência policial.

Nas favelas imperam a exclusão por parte dos governantes, a exploração por parte dos patrões, a marginalização por parte da sociedade em um todo. A ausência de direitos básicos como alimento, água, energia, moradia, saúde, segurança é algo presente que denota a forte presença da violência objetiva nas duas narrativas, e isso diz muito do que somos enquanto sociedade brasileira, politicamente e historicamente. Além disso, a carga de violência discursiva, presente nas obras literárias, não deixa de ser menos visível, ao lado de tanta violência brutal e social, uma vez que a linguagem é o primeiro modo violento de nos dirigir ao outro que nos incomoda.

Referências

- FERRÉZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fafesp, 2012
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- RESENDE, Beatriz. Questões da ficção brasileira do século XXI. **Grumo**, v. 6. n. 2, dez., 2007.
- ROMMEL, Leonardo von Pfeil. A representação da violência em *Capão Pecado*. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais; Educação e Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 6.; 3., 2015, Canoas. **Anais...** Canoas: ULBRA, 2015, s. p.
- SAFATLE, Vladimir. Polícia e bandido. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 ago. 2013. Colunistas. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2013/08/1322140-policia-e-bandido.shtml>>. Acesso em: 3 jan. 2019.
- SAFATLE, Vladimir. **Violência** | Safatle, Ginzburg e Luiz Eduardo Soares. São Paulo: Tv Boitempo, 2014. (95 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3yYsNaoCEJ0&t=1s>>. Acesso em: 3 jan. 2019.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÉ, Regina. **Ver e Imaginar o Outro**: Alteridade, Desigualdade, Violência na Literatura. Vinhedo: Horizonte, 2008, p. 57-77.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Vivendo o fim dos tempos**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

Submetido em: 02/06/2018

Aceito em: 27/12/2018